

## Cultura do estupro de mulheres negras no Brasil: A identidade feminina negra construída a partir da mídia

**JULIANA ESCOUTO DOS SANTOS<sup>1</sup>; HELENA MENDONÇA COSTA<sup>2</sup>; Dr.<sup>a</sup>  
MARISLEI RIBEIRO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 - [juhescouto21@gmail.com](mailto:juhescouto21@gmail.com)* 1

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas- [h.mendoncacosta@gmail.com](mailto:h.mendoncacosta@gmail.com)*;

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas- [marislei.ribeiro@cead.com.br](mailto:marislei.ribeiro@cead.com.br)*

### 1. INTRODUÇÃO

Considerando que os meios de comunicação têm o papel de mediar às discussões da sociedade, além de pautar temas do cotidiano, fazendo com que seu público possa produzir sentido sobre o mesmo, o presente estudo busca evidenciar como a comunicação utiliza a mensagem, para obter um determinado efeito, suscetível de ser avaliado na medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objetivo. Este está sistematicamente relacionado com o conteúdo da mensagem. Consequentemente, no caso deste estudo sobre a legitimação da identidade da mulher negra no Brasil.

Além disso, pretende abordar uma situação comum no cotidiano dessas mulheres, porém não combatido da forma correta. O estupro é um crime brutal e que ocorre rotineiramente. No entanto os meios de comunicação não dão a abordagem correta e necessária ao fato. Neste caso, a mídia poderá influenciar o comportamento da sociedade sobre o acontecimento, visto que as vítimas poderão ser julgadas e culpadas pelo fato ocorrido. Outro aspecto evidenciado é que a grande maioria das vítimas são mulheres negras em situação de vulnerabilidade social e econômica. Sendo assim, o contexto histórico em que essa mulher negra brasileira está inserida e do qual foi constituída, serão de grande valia para tal reflexão.

Para contemplar tal temática, alguns assuntos não podem deixar de serem debatidos, dentre eles estão: a identidade negra, e como ela foi construída. Nesse contexto, as observações de Hall (2003), tratam de temas cruciais como o fetichismo diante do diferente, e trata ainda dos efeitos da globalização. Ainda dentro desse enfoque, abordaremos o racismo e como a mídia noticia este assunto.

Outro assunto indispensável de ser pensado é o feminismo, especialmente, o feminismo negro. As mulheres negras se deparam com um número maior de barreiras quando sofrem abusos (recebem menor atenção da mídia, barreira de línguas, falta de apoio do sistema legal) e suas experiências não são iguais a de mulheres brancas. De acordo com Oliveira (2006) a

mulher negra brasileira é triplamente discriminada, por ser mulher, por sua cor e por sua classe social, já que grande parte delas está abaixo da linha da pobreza.

E por fim, abordaremos o contexto histórico do abuso sexual contra mulheres negras, já que é um comportamento que vem da época da escravidão, onde a mulher negra era vista como um objeto que apenas tinha que servir aos seus “senhores”. Além de evidenciar como os meios de comunicação de massa retratam o negro, a mulher negra e o abuso sexual sofrido por elas. Assim, buscamos uma reflexão sobre os fatores que levam a mídia e a sociedade a silenciar tais atos em seus debates e discussões e como a mídia contribui para que esses casos, muitas vezes, sejam esquecidos contribuindo para o aumento no número de casos de estupro de mulheres negras no país.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa será por meio de estudos bibliográficos, que conforme GIL (1991) é quando se utilizam materiais já publicados como livros, artigos, bem como material disponibilizado na internet. Utilizaremos também a análise de conteúdo como metodologia. Aliando esses dois métodos, tentaremos perceber se o modo como a sociedade reage mediante a identidade construída pela história aliada à mídia contribui e como para que essa cultura de estupro seja legitimada no Brasil.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil os casos de abusos sexuais têm aumentado consideravelmente com o passar dos anos. Contudo, a mulher negra continua sendo o principal alvo dessas agressões. Os movimentos feministas tem se posicionado contra esses atos. No entanto, uma série de fatores precisa ser considerada diante de tal atrocidade. Já que a situação está se tornando cada vez mais rotineira e brutal, visto que a mídia transforma esses acontecimentos como fatos dos cotidianos em seus noticiários.

De acordo com Hall (2003) em seu artigo “Que negro é esse na cultura negra”, há certo fetichismo em torno das diferenças. Sendo assim o negro passa a ser exótico aos olhos dos demais. Este é um fato presente na cultura européia, que por um longo tempo não reconhecia a etnicidade e, até a silenciava quando era evidenciada. Tal efeito foi disseminado em muitos países colonizados pelos europeus, como foi o caso do Brasil. Assim o negro passou a ser visto com distanciamento e até fetichismo.

No caso da mulher negra é preciso ser combatido o machismo e o racismo. As mulheres negras são vistas como ultra sensualizadas, como um objeto sexual, sendo assim até os abusos praticados contra elas podem ser

justificados. A literatura brasileira em muitas de suas obras utiliza a mulher negra de forma estereotipada que une erotismo e falta de repressão. Assim o ditado popular “Branca para casar, preta para trabalhar e mulata para furnicar.”, acabou se legitimando com o passar dos anos.

No Brasil muitas pessoas dizem não haver mais racismo, porém como sabemos, existe sim. Apesar de 54% da população se considerar negra, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (2014), esse assunto é pouco debatido. As negras continuam sendo a maioria das empregadas domésticas do país, bem como são as que mais morrem em abortos clandestinos, segundo dados da Pesquisa Nacional da Saúde (2013), o índice de aborto provocado feito por mulheres pretas é de 3,5%%, o dobro do verificado em mulheres brancas que é 1,7%. As mortes se devem ao fato das mulheres negras terem uma situação mais vulnerável, além de serem mais em quantidade. Mesmo com todas as lutas ainda são poucos os negros que têm posições sociais elevadas.

Outro aspecto que pode ser notado é o enfoque que a mídia dá para os negros. Nas telenovelas os negros atuam em papéis de empregados domésticos, amigos do mocinho da trama ou ainda ligados ao samba ou à violência. O número de atores negros em papéis de destaque é bem reduzido, e quando ocorre sempre há discussões em torno da escolha. Nos noticiários ainda são bem poucos os negros que ocupam posições de destaque, se pensarmos nas mulheres negras esse números é ainda mais baixo.

Por fim, a mídia tenta deslegitimar as lutas do movimento negro. Ao abordar questões de lutas de forma que mostre que os negros buscam privilégios, já que para eles, todos têm as mesmas oportunidades. O que é uma inverdade histórica, pois os negros nunca tiveram as mesmas oportunidades de pessoas brancas.

As lutas dos movimentos feministas se tornaram de vital importância para deslegitimar a cultura do estupro. A masculinidade hegemônica foi constituída através da agressividade e da violência. Deve haver uma desconstrução desse machismo, os homens são criados como se as mulheres fossem suas, criadas para sua satisfação e prazer.

Portanto, a mulher negra busca ser reconhecida por seu intelecto, além de seus outros atributos. O princípio do feminismo era constituído de mulheres brancas e de classe média que lutavam para estudar e trabalhar. Porém, a mulher negra tinha a obrigação de trabalhar, nunca esquecendo nos séculos em que foram escravizadas e tratadas como posse de outros. Além disso, o movimento negro atual faz essa crítica ao feminismo, pois o feminismo por muitos anos não levou em conta as necessidades de mulheres em situação mais vulnerável, não somente as negras, mas as indígenas, as lésbicas e as pobres.

#### 4. CONCLUSÃO

Por fim, cabe salientar que o presente trabalho não pretende gerar conclusões, pois com o andamento da pesquisa outras questões podem ser apresentadas. Sendo assim, buscamos observar tendências de como esse crime está presente culturalmente no cotidiano do brasileiro. Esperamos que a partir desse texto o assunto possa ser mais discutido tanto no meio acadêmico, quanto no âmbito social. Para que assim, a situação possa ser vista pela sociedade de forma crítica e contextualizada.

Além disso, os temas expostos precisam ser mais refletidos na sociedade brasileira, principalmente nos meios de comunicação de massa que deveriam pautar os problemas sociais de forma digna e cuidadosa. Já que seu papel é fundamental como alicerce das discussões cotidianas, contribuindo assim na construção de identidades e estereótipos, como é o caso da mulher negra. Nesse contexto, a mídia pode também fomentar preconceitos e discriminações, e em alguns casos crimes graves, como o estupro.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, E. A. Mulheres marcadas: Literatura, Gênero, Etnicidade. **Terra Roxa e outras Terras- Revista de Estudos Literários**. UFMG, v. 17, a, p. 6-16, 2009.

SMITH, A. A violência sexual como uma ferramenta de genocídio. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 195-230, 2014.

CARDOSO, I. VIEIRA, V. A mídia na culpabilização da vítima de violência sexual: o discurso de notícias sobre estupro em jornais eletrônicos. **EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n. 7, p. 69-85, 2014.

SILVA, E. L. MENEZES, E. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. UFSC. Florianópolis, 4. ed. 2005

IBGE. **PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro, 13 de nov. 2015. Acessado em 15 de agos. de 2016. Online. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2014/default\\_sintese.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2014/default_sintese.shtm)

IBGE. **PNS- Pesquisa Nacional de Saúde**. 2013. Acessado em 15 de agos. de 2016. Online. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pns/2013>